

Uma análise de deslocamento cultural na obra de William Foote Whyte “Sociedade de Esquina” –

(*An analysis of cultural dislocation in the William Foote Whyte’s work “Street Corner Society”*)

Damaris Fabiane Storck¹
Henrique Evaldo Janzen²

Abstract

The article shows an intercultural analysis of the book “Street Corner Society” written by the author and researcher William Foote Whyte. The aim is identify some evidence of the author’s cultural dislocation during his ethnographic research and understand the relations between two different cultures. The categories of analysis used in this paper - duplication of the other, hybrid constructions and exotopy – express the movements of the approximation between the researcher and the culture of the field, and are based in the dialogs between Bakhtin and the interculturalism. The article contrasts the importance of the cultural dialogue for a comprehension of the other culture, specially, in the contexts of the ethnographic researches.

Keywords: *cultural dislocation, ethnographic research, interculturalism.*

Resumo

O artigo apresenta uma análise intercultural no livro “Sociedade de esquina”, escrito pelo autor e pesquisador William Foote Whyte. O objetivo é identificar algumas evidências do processo de deslocamento cultural, percorrido pelo pesquisador durante o desenvolvimento de sua pesquisa etnográfica, para entender as relações de aproximação entre duas diferentes culturas. As categorias de análise utilizadas – duplicação do outro, construções híbridas e exotopia - expressam os movimentos de aproximação entre o pesquisador e a cultura do campo de pesquisa e estão baseadas nos diálogos entre Bakhtin e a interculturalidade. O artigo destaca a importância do diálogo intercultural para a compreensão da outra cultura, principalmente, nos contextos de desenvolvimento de pesquisas etnográficas.

Palavras-chave: *deslocamento cultural, pesquisa etnográfica, interculturalidade.*

Introdução

Em 1936, William Foote Whyte, com pretensões a escritor, interesses em economia e dedicação à reforma social, deu início a uma pesquisa etnográfica, financiada por uma bolsa do Comitê Acadêmico de Harvard, utilizando o método de observação participante, para estudar um bairro habitado por imigrantes pobres de origem italiana na cidade de Boston³.

A pesquisa estendeu-se por quatro anos (1936-1940), nesse tempo, Whyte mudou-se para *Cornerville* e participou do real, a partir da convivência e do contato diário com os pesquisados. Partilhou problemas, discutiu propostas e soluções, e obteve resultados que deram origem a um dos mais importantes trabalhos em Ciências Sociais, principalmente na

¹ Formada em Letras Português/Inglês pela FAFI (2007); Mestre em Educação pela UFPR (2011); Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES.

² Doutor em Língua e Literatura Alemã pela Universidade Estadual de São Paulo (USP). Pós-doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR. País: Brasil. Curitiba/ Paraná.

³ *North End (Little Italy)*, popularmente conhecida como *Cornerville*.

área de estudos urbanos. *Street Corner Society* é um clássico, e também uma referência a métodos qualitativos e à pesquisa social.

Por meio de uma descrição bastante pessoal do modo como Whyte viveu durante o tempo que realizou seus estudos em *Cornerville*, encontramos em sua obra elementos que vão além da temática social e metodológica abordada pelo pesquisador.

Entendemos que o minucioso relato de sua experiência, no campo da pesquisa, revela alguns elementos peculiares de um processo de deslocamento cultural, que acreditamos emergir nas relações entre pesquisadores e pesquisados durante um trabalho de pesquisa de campo.

Conforme já indicamos em outros trabalhos, entre eles, Janzen (2005), Janzen (2012), Storck (2011) e Storck e Janzen (2013), há um possível diálogo entre o universo epistemológico do Círculo de Bakhtin e as relações interculturais, que tem como eixo centralizador os conceitos de alteridade e a figura do outro. Os elementos que relacionam esse possível diálogo são: signo; sinal; dialogismo; alteridade; plurilinguismo (heteroglossia); construções híbridas; exotopia; gêneros do discurso.

Para entender a relação de alteridade no modo como uma determinada cultura pode ser percebida aos olhos do outro, projetamos um olhar intercultural para a obra em questão, e absorvemos nos discursos de William Foote Whyte, os movimentos de deslocamento cultural a partir de três categorias de análise: estranhamento, construções híbridas e acabamento.

Segundo Whyte, “se viver por um longo período na comunidade que é seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada à sua pesquisa.” (2005, p.283)

Ressaltamos que a análise intercultural é privilegiada neste trabalho, principalmente porque a base orientadora da relação entre pesquisadores e pesquisados é – como procuramos indicar – de cunho cultural, mas, também, por considerarmos que o pesquisador passa por um processo de deslocamento durante a elaboração de uma pesquisa etnográfica.

1. O deslocamento cultural na pesquisa etnográfica

A etnografia é uma metodologia de trabalho de campo baseada na descrição de uma realidade social. A abordagem, que imbrica método e teoria, tem por finalidade o estudo e a descrição das manifestações de relações culturais de um determinado grupo social.

De modo geral, pode-se dizer que a base para a condução do método etnográfico é constituída a partir de alguns importantes aspectos, entre eles destacamos o estudo do comportamento das pessoas no contexto real de suas vivências, a coleta de dados a partir de fontes diversas, o caráter não estrutural de um plano de estudos previamente estabelecido, e a longa permanência no campo de investigação.

Na etnografia, o trabalho de campo é tão importante quanto o processo de descrição dos eventos observados. Assim, as discussões metodológicas concentram-se mais nas questões referentes ao modo de relatar as descobertas, e menos nos métodos de coleta e interpretação de dados.

Para as ciências sociais, o texto não representa apenas um instrumento para documentar os dados e uma base para a interpretação - portanto, um instrumento epistemológico - mas é também, e sobretudo, um instrumento para mediar e comunicar as descobertas e o conhecimento. A redação às vezes chega a ser vista como o cerne da ciência social. (FLICK, 2004, p.247)

Um critério importante na etnografia é a descrição que deve conservar a realidade das relações do local da pesquisa. Entender essas relações, do ponto de vista dos sujeitos estudados, requer, ao mesmo tempo, um movimento de aproximação e distanciamento do pesquisador.

Para compreender a cultura de um grupo o pesquisador deve refinar o olhar sobre o estranho, o novo, o inesperado e o previsível.

No entanto, entendemos que, durante uma pesquisa etnográfica, o contato com a outra cultura produz movimentos de deslocamento cultural. O etnógrafo, que participa da vida dos pesquisados, pode chocar-se com uma realidade totalmente divergente, tanto nos aspectos culturais, como nas relações pré-concebidas no planejamento da pesquisa. Mas como o outro deve ser observado?

Segundo Da Matta (1978), na pesquisa de campo, as relações entre pesquisadores e pesquisados são, antes de tudo, relações sociais. Há um lado humano e fenomenológico da pesquisa social, que muitas vezes é deixado de lado pelo etnólogo, por temor ao efeito impactante de sua subjetividade.

É interessante, por exemplo, o modo como esse autor aponta os chamados “aspectos românticos” como determinantes na etnografia:

...são os chamados aspectos românticos da disciplina, quando o pesquisador se vê obrigado a atuar como médico, cozinheiro, contador de histórias, mediador entre índios e funcionários da FUNAI, viajante solitário e até palhaço, lançando mão deste vários e insuspeitados papeis para poder bem realizar as rotinas que infalivelmente aprendeu na escola graduada. (DA MATTA, 1978, p.3)

As situações não planejadas, que fogem dos limites da estrutura metodológica da pesquisa de campo, são consequências da realidade social. Assim, da mesma forma como não há uma previsão das relações naturais de uma determinada comunidade, não se pode ignorar o imprevisível nos processos de análise, descrição e condução do método.

O ofício do etnólogo é, primordialmente, uma tarefa dupla de transformar o exótico em familiar, e, inversamente, transformar o que é familiar em exótico. “Só se tem Antropologia Social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social.” (DA MATTA, 1978, p.4)

Nas transformações antropológicas, os movimentos sempre conduzem a um encontro. E pensar o “método etnográfico”, significa pensar nas relações sociais a partir da forma natural de compreender a realidade da vida social.

Na antropologia é preciso recuperar esse lado extraordinário e estático das relações entre pesquisador/nativo. Se este é o lado menos rotineiro e o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina. É o que realmente permite escrever a boa etnografia. (DA MATTA, 1978, p.11)

Na antropologia há alteridade. Um antropólogo existe quando um nativo é transformado em informante. “E só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado.” (DA MATTA, 1978, p.10)

Tomando o conceito de alteridade como o eixo central na perspectiva de análise intercultural “o outro como condição para a construção da identidade cultural” (JANZEN, 2005, p.12), entendemos que a aproximação e o distanciamento do pesquisador, no movimento de deslocamento para o campo de pesquisa, orientam a formulação da imagem que ele fará do outro, a partir da sua própria visão de cultura.

Uma visão tradicional de cultura implica a busca do apagamento das diferenças socioculturais, de modo a propiciar uma homogeneização do grupo. A homogeneidade interna possibilita a delimitação externa, uma vez que o que é estranho é externo ao grupo. Um dos movimentos de unificação interna e delimitação externa é o de negação dos valores e crenças do outro, do estranho, reforçando uma perspectiva etnocêntrica (comum à visão tradicional de cultura). (JANZEN, 1998, p.54)

Assim, partindo dos próprios princípios e da própria concepção a respeito de determinados valores, a cultura do outro pode parecer completamente estranha ou diferente, se julgada sob a visão de certo ou errado. Os indivíduos são organizados culturalmente, cada qual em universos culturais distintos. Dessa forma, a dificuldade de aceitar o outro explica-se pela tendência inicial de considerá-lo a partir de uma visão orientada pela própria cultura e comum apenas a um determinado grupo.

Para Benedict (1972) apud Laraia (2005), o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado, suas ações são, portanto, herdeiras de um processo acumulativo de experiências que orientam sua visão de mundo. Em meio a essa diversidade cultural, a pesquisa etnográfica estabelece a noção de imparcialidade no papel que cabe ao pesquisador observar, relatar e coletar os dados de sua investigação. Mas o confronto cultural, que é um elemento constante no movimento de aproximação do outro, é colocado em questão, uma vez que a concepção que se tem em relação à outra cultura pode produzir questões determinantes, influenciadas pela visão da cultura do pesquisador. A cultura é, pois, “como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. (BENEDICT, 1972 *apud* LARAIA, 2005, p.67)

O primeiro passo para uma relação intercultural propicia uma tendência ao etnocentrismo. O outro é percebido a partir de um julgamento que parte dos parâmetros da própria cultura. “Entretanto, estabelecido este contato inicial, os interlocutores podem convergir para um efetivo diálogo intercultural em que elementos conhecidos propiciem a aproximação” (JANZEN, 2005, p.27)

Assim, para poder compreender o outro, por meio da alteridade, Janzen (2005) – apoiado no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin – propõe três categorias⁴ que expressam as fases de aproximação com a outra cultura: duplicação do outro, construções híbridas e exotopia.

2. O Deslocamento de William Foote Whyte

Os fragmentos retirados da obra “Sociedade de esquina”, ilustram o processo de deslocamento cultural percorrido pelo pesquisador durante o desenvolvimento de sua pesquisa etnográfica. As três categorias de análise – duplicação do outro, construções híbridas e exotopia – expressam os movimentos de aproximação com a cultura de *Cornerville*, e apontam as características de cada fase do deslocamento.

Venho de um contexto muito sólido de classe média alta. Um avô era médico; o outro, inspetor escolar. Meu pai era professor Universitário. Minha criação, portanto, foi muito diferente e distante da vida que descrevi em *Cornerville*. (WHYTE, 2005, p.286)

2.1 Primeira fase: duplicação, estereótipos e estranhamento cultural

Segundo Janzen (2005), na primeira fase do deslocamento cultural o outro é percebido por meio do sistema axiológico de valores da própria cultura. Existe uma tendência em fazer um julgamento, que pode produzir um estranhamento em relação ao outro. Há, muitas vezes, uma ideia homogeneizante, na qual há uma generalização de um grupo, que limita os valores da cultura alheia. “Uma visão de mundo estereotipada pode produzir graus de estranheza/distanciamento em relação à cultura-alvo.” (JANZEN, 2005: 35)

Observamos que Whyte escolheu o campo de sua pesquisa a partir dessa primeira fase do deslocamento. Ele pretendia investigar um bairro pobre, mas como nunca estivera em um, anteriormente, escolheu *Cornerville* a partir de uma visão duplicada de como um bairro pobre deveria ser. A visão criada pelo pesquisador revela uma imagem fechada e orientada pelo julgamento de valores da sua própria cultura.

Fragmento 1 – Duplicação do outro

“ <i>Cornerville</i> era o que melhor se ajustava à minha ideia de como deveria ser um distrito pobre e degradado. De alguma maneira, eu havia criado uma imagem de prédios de três a cinco andares, decadentes e amontoados. Embora dilapidados, não me pareciam muito genuínos os prédios com estrutura de madeira que encontrara em algumas outras partes da cidade.” (WHYTE, 2005, p.287)

Sem o conhecimento prévio da outra cultura, a tendência inicial de aproximação pode produzir uma posição avaliativa baseada no julgamento estabelecido a partir de uma visão

⁴ Essas categorias são propostas nos trabalhos de Janzen (2005), a partir das teorias de Bakhtin e Thodorov. Entretanto, neste trabalho, será considerada apenas a teoria de Bakhtin.

tradicional. Essa visão, projetada no discurso de Whyte, é um reflexo de suas próprias concepções quando faz o julgamento partindo dos seus próprios parâmetros culturais. Observa-se que a visão estereotipada do bairro parte de uma concepção orientada pelo julgamento axiológico de valores baseada na cultura do pesquisador, bem como, no contraste entre os diferentes universos culturais.

Em *Cornerville*, Whyte sentia-se culturalmente deslocado. Destacamos um fragmento que ilustra um movimento marcado pelo estranhamento cultural:

Fragmento 2 – Estranhamento

<p>“<i>Cornerville</i> estava bem à minha frente, e ainda assim tão distante. Podia andar livremente para cima e para baixo em suas ruas e já até conseguido entrar em alguns apartamentos. Todavia, ainda era um estranho num mundo completamente desconhecido para mim.” (WHYTE, 2005, p.292)</p>

No entanto, embora a outra cultura lhe parecesse diferente, aos olhos dos cidadãos de *Cornerville*, Whyte era também estereotipado a partir dos valores culturais do bairro. Por ser pesquisador, aluno de *Harvard*, e, por possuir um capital cultural diferente da realidade de *Cornerville*, a imagem dele, criada pelos moradores, pode ser compreendida a partir da formulação do estereótipo cultural e da homogeneização de um determinado grupo, comum na primeira fase do deslocamento. Observe:

Fragmento 3 – Estereótipo

<p>“Tentando entrar no espírito do papo furado, soltei um monte de obscenidades e vulgaridades. Todos pararam por um momento e olharam para mim, surpreendidos. Doc⁵ balançou a cabeça e disse: “Bill⁶ a gente não espera que você fale desse jeito. Não combina com você.” (WHYTE, 2005, p.304)</p>
--

O etnocentrismo consiste do julgamento avaliativo de um determinado grupo ou indivíduo sobre o outro. Essa avaliação é uma tendência que pode gerar uma visão distorcida do outro, que passa a ser visto como parte de um grupo.

Ao julgar o comportamento de Whyte, os moradores de *Cornerville* levaram em consideração uma visão generalizada em relação aos pesquisadores e estudantes de *Harvard*. Percebe-se nesta fase, a formulação de um estereótipo que homogeneiza um grupo a partir de uma ideia centralizadora. Percebe-se o estranhamento dos moradores em relação ao comportamento de Whyte, que define uma visão de cultura orientada pela ideia estereotipada de que o comportamento do pesquisador não condiz com a sua realidade cultural.

A atitude etnocêntrica pode explicar a forte tendência ao pensamento unitário. Neste contexto, é emblemático os que têm tal atitude não enxergarem os indivíduos, porém

⁵ Chefe da principal gangue de *Cornerville*.

⁶ Apelido de William F. Whyte em *Cornerville*.

apenas grupos. A diluição do outro/do sujeito, ao ser percebido apenas como grupo, indica a representação generalizante/homogeneizante do outro, que caracteriza a visão tradicional de cultura. (LEWINSON, 1964 apud JANZEN, 2005, p.36)

O estranhamento pode ocorrer, então, no encontro entre as diferenças e as diversidades culturais. Considerando que, nessa fase, os valores do outro são avaliados a partir dos valores da própria cultura, há julgamentos em extremos de bom ou mau, certo ou errado. “O discurso unitário e da homogeneização a partir de uma visão particular esvazia a perspectiva exotópica e a natureza dialógica do encontro cultural”. (JANZEN, 2005, p.65)

Quando Whyte começou a interagir e conviver com o grupo pesquisado, passou por várias situações de estranhamento cultural. Em suas primeiras saídas com o chefe da gangue local, foi surpreendido por situações peculiares aos hábitos culturais dos moradores de *Cornerville*. Em seus relatos, percebemos que o estranhamento surge a partir de algumas situações diferentes das quais ele estava acostumado. Destacamos duas passagens nos fragmentos 4 e 5:

Fragmento 4 – Estranhamento

“Entramos por uma pequena cozinha quase vazia e com as paredes descascadas. Logo que passamos a porta, tirei o chapéu e procurei um lugar onde o pendurar. Não havia. Olhei em volta, e aqui aprendi minha primeira lição de observador participante em <i>Cornerville</i> : não tire o chapéu quando entrar numa casa – pelo menos quando estiver entre homens. Pode-se permitir, mas certamente não é exigido, tirar o chapéu quando houver mulheres.” (WHYTE, 2005, p.299)

Fragmento 5 – Estranhamento

“Meus dias com os Martini eram assim: acordava por volta das nove horas e tomava café. Al Martini disse que eu podia tomar o desjejum no restaurante, contudo, por mais que desejasse me ajustar, nunca consegui tomar o café da manhã deles, composto de café com leite e uma fatia de pão.” (WHYTE, 2005, p.298)
--

Os fragmentos 4 e 5 apresentam alguns exemplos do estranhamento do pesquisador em relação à cultura de *Cornerville*. Embora não apresentem estereótipos e homogeneização, essas passagens ilustram a percepção do novo e do estranho, comum na primeira fase do deslocamento.

2.2 Segunda fase: construções híbridas

O processo pelo qual duas vozes percorrem em um discurso é denominado por Bakhtin como construções híbridas. Sob esta perspectiva, há duas vozes que se entrecruzam dialogicamente, mas que não se misturam uma com a outra.

É um enunciado que, segundo Bakhtin (1998), pertence a um único falante, mas que compõe duas perspectivas, duas linguagens, dois ou mais enunciados em um mesmo conjunto sintático.

Denominamos construção híbrida o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas. Repetimos que entre esses enunciados, estilos, linguagens, perspectivas, não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática: a divisão de vozes e das linguagens ocorre nos limites de um único conjunto sintático, freqüentemente nos limites de uma proposição simples, freqüentemente também um mesmo discurso pertence também simultaneamente às duas línguas, às duas perspectivas que se cruzam numa construção híbrida, e, por conseguinte, tem dois sentidos divergentes, dois tons. (BAKHTIN, 1998, p.10)

O que determina as construções híbridas como associadas à relação intercultural é a noção de que, pelo encontro com o outro, podemos entrecruzar diferentes sistemas axiológicos a partir da divisão dos eixos culturais.

Fragmento 6 – Construções híbridas

“Quando comecei a encontrar os homens de *Cornerville*, também entrei em contato com algumas garotas. Uma vez levei uma delas para uma dança na igreja. Na manhã seguinte, os camaradas na esquina me perguntaram: “Como vai sua namorada?” Isso me deu uma sacudida. Aprendi que ir à casa da garota era algo que você simplesmente não fazia, a menos que esperasse se casar com ela. Felizmente a garota e sua família sabiam que eu não conhecia os costumes locais, e não presumiram que eu estivesse me comprometendo. No entanto, o aviso foi útil. **Embora achasse algumas garotas de Cornerville extremamente atraentes, nunca mais saí com uma delas**⁷, exceto em grupo, e nunca mais as visitei em casa.” (WHYTE, 2005, p.300)

Percebemos, a partir desse fragmento, que Whyte entrecruza dois eixos de valores: embora sentisse vontade de sair com alguma garota - pois na sua cultura tal atividade seria absolutamente normal - ele não as convida mais, uma vez que, em *Cornerville*, essa atividade produziria um valor cultural diferente.

Durante um movimento de deslocamento cultural, as construções híbridas aparecem durante a tentativa de realização de um diálogo intercultural. Ao tentar compreender a outra cultura, a perspectiva híbrida pode ser formulada na divisão de valores. Nessa fase, o diálogo passa a hibridizar a cultura do outro e a própria cultura.

Para que se entenda o movimento híbrido exposto no fragmento número 7, é preciso contextualizar as relações de Whyte e Doc.

Quando entrou em campo para iniciar sua pesquisa, uma assistente social fez com que Whyte fosse apresentado a Doc, que era o chefe de uma das principais gangues de

⁷ Grifo nosso.

Cornerville. Quando Whyte explicou os motivos reais de sua pesquisa, Doc prometeu ajudá-lo, conseguindo contatos, apresentando pessoas, enturmado-o com o grupo pesquisado, etc.

Ele tornou-se um informante-chave e passou a intermediar e, principalmente, manipular as conversas de Whyte com os outros membros da gangue.

Esse pleno conhecimento da natureza de meu estudo estimulou Doc a procurar e me mostrar os tipos de observação pelas quais me interessava. Muitas vezes, quando eu o pegava no apartamento que vivia com a irmã e o cunhado, ele me dizia: “Bill, você devia estar aqui ontem à noite. Teria ficado curioso com isso”. E então prosseguia contando o que acontecera. Seus relatos eram sempre interessantes e valiosos para o meu estudo. (WHYTE, 2005, p.302)

Fragmento 7 – Construções híbridas

“Você me fez diminuir a velocidade desde que está aqui. Agora, quando faço alguma coisa, tenho que pensar o que “Bill Whyte” gostaria de saber sobre isso e como posso explicar a ele. Antes costumava fazer tudo por instinto.” (WHYTE, 2005, p.302)

Quando começou a manipular as conversas, Doc não agia naturalmente. Seus discursos tinham que ser pensados e enunciados em momentos específicos de suas relações sociais com o grupo. Percebemos indícios de um movimento híbrido, uma vez que o comportamento natural passou a entrar em conflito com o comportamento forjado. Doc passou a agir por meio de uma perspectiva híbrida.

Outra construção pode ser observada nos relatos de Whyte durante sua participação nas eleições de *Cornerville*. Observe:

Fragmento 8 – Construções híbridas

“Escolheram para mim o nome de Frank Petrillo. Disseram que Petrillo era um pescador siciliano que estava no mar no dia da eleição, e portanto estávamos exercendo os direitos democráticos por ele. Olhei na lista e descobri que Petrillo tinha 45 anos e media 1,75m. Como eu tinha 23 anos e media 1,89m, pareceu-me implausível substituí-lo, e levantei a questão. Garantiram que isso não fazia a menor diferença... Não me senti completamente tranquilo com isso, mas, mesmo assim, já perto da hora de encerrar a votação, entrei numa longa fila e esperei minha vez. ” ⁸ (WHYTE, 2005, p.312)
--

É possível perceber que Whyte agiu a partir de eixo de valores distintos. Mesmo sentindo um desconforto em relação à prática corrupta do voto ilegal, pois na sua cultura tal atividade é considerada estranha e inapropriada, ele entende a situação como “natural”

⁸ Griffio nosso.

naquele contexto, e produz um enunciado que entrecruza os seus valores e o universo cultural de *Cornerville*.

A partir das concepções bakhtinianas da natureza dialógica do enunciado, pode-se dizer então que construções híbridas ocorrem, quando um enunciado é construído a partir de outros enunciados que, por sua vez, possuem diferentes sistemas axiológicos, gerando então um novo enunciado com diferentes eixos de valores. “Em todo enunciado, descobriremos as palavras do outro, ocultas ou semiocultas, com graus diferentes de alteridade.” (JANZEN, 2005, p.58)

2.3 Terceira fase: acabamento e exotopia

A exotopia é conceituada por Bakhtin, a partir de suas reflexões sobre a criação literária.

No eixo central da investigação bakhtiniana estão, como visto, a natureza dialógica da linguagem e uma pressuposição do outro como referência, como contraponto e como elemento essencial que, a partir de sua postura exotópica (nos enxergar de fora), nos concebe de uma maneira que nos é impossível individualmente. (JANZEN, 2005, p.52)

Para Bakhtin, a exotopia, o olhar de fora no tempo, lugar e sentido, é fundamental ao processo de compreender o outro. A exotopia, “o estar do lado de fora”, o não coincidir com o outro, constitui uma questão fundamental na reflexão que envolve a alteridade cultural, “nasce nas reflexões referentes ao universo literário e é transposto (posteriormente) para uma discussão mais ampla de cultura (cultura própria e outra cultura). (JANZEN, 2012, p.109)

Em seu texto, “Os estudos literários hoje”, Bakhtin ressalta que a cultura do outro só se revela sob o olhar de outra cultura. “Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando-se com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas.” (BAKHTIN, 2003, p.366)

Que vantagem teria eu se o outro se fundisse comigo? Ele veria e saberia apenas o que eu vejo e sei, ele somente reproduziria em si mesmo o impasse de minha vida; é bom que ele permaneça fora de mim, porque dessa sua posição ele pode ver e saber o que eu não vejo nem sei a partir da minha posição, e pode enriquecer substancialmente o acontecimento de minha vida. (BAKHTIN, 2003, p.80)

Bakhtin em “O autor e a personagem na atividade estética”, introduz a concepção de “excedente de visão”. Para ele, o excedente de visão é um dos elementos fundamentais da exotopia:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e

saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão -, o mundo atrás dele, todo o objeto de relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 2003, p.21)

Durante um processo de deslocamento cultural, a cultura do outro pode ser observada a partir de uma perspectiva exotópica. O olhar de fora, permite a desconstrução da imagem estereotipada, homogeneizante e duplicadora, e elimina a hibridização cultural.

Certa vez, um homem de outra parte da cidade estava contando uma história sobre a organização das atividades relacionadas com jogos. Como as pessoas faziam perguntas e comentários, Whyte, numa certa altura, achou que deveria dizer alguma coisa para participar. E então, perguntou: “imagino que os tiras eram todos subornados, não?” O queixo do jogador caiu. Ele o encarou. Negou com veemência e imediatamente mudou de assunto. No dia seguinte, Doc explicou a lição da noite anterior:

Fragmento 9 – Acabamento

“Vá devagar, Bill, com essas coisas de ‘quem’, ‘o quê’, ‘por quê’, ‘quando’, ‘onde’, você pergunta essas coisas e as pessoas se fecharão em copas. Se te aceitam, basta que você fique por perto, e saberá as respostas a longo prazo, sem nem mesmo ter que fazer as perguntas.”

“Sentado e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido a ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. **Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela.**” (WHYTE 2005, p.304)

Evidenciamos a realização de um movimento exotópico, que concede a Whyte uma compreensão mais completa e abrangente da outra cultura. Percebemos que ele faz o acabamento cultural constatando que fazer muitas perguntas a um estranho não é relativamente correto em determinados contextos em *Cornerville*.

A convivência no campo de pesquisa fez com que Whyte realizasse vários movimentos de acabamento em relação à cultura do bairro. Em várias passagens do livro, ele relata como foi aos poucos compreendendo as diferenças a partir do olhar de fora.

Identificamos, no fragmento a seguir, a exotopia, um acabamento por meio de um movimento de empatia, no qual Whyte compreende a diferente realidade de *Cornerville*.

...conheci em Harvard um jovem professor de economia que me impressionou com sua autoconfiança e seu conhecimento de Eastern City. Ele estivera ligado a um centro comunitário e falava levemente sobre suas associações com os jovens durões do distrito. Descreveu como às vezes entrava num bar, tratava conhecimento com uma garota, pagava uma bebida para ela e então a encorajava contar suas histórias de vida. Ele

garantia que as mulheres que encontrava desse modo apreciavam a oportunidade, e que não havia aqui qualquer obrigação adicional. (WHYTE, 2005, p.292)

Whyte decidiu tentar o mesmo. Escolheu o *Regal Hotel*, que ficava nos limites de *Cornerville*.

Fragmento 10 – Exotopia

“O que encontrei foi uma situação para a qual meu conselheiro não me preparara. De fato havia mulheres, mas nenhuma delas estava sozinha. Ainda assim, estava determinado a não me dar por vencido sem lutar. Olhei em volta de novo e percebi um trio: um homem e duas mulheres. Ocorreu-me que ali havia má distribuição de mulheres, e que eu poderia corrigir isso. Aproximei-me do grupo com uma fala mais ou menos assim: “Perdoem-me. Vocês se importam se eu me juntar a vocês?” houve um momento de silêncio, enquanto o homem me encarava. E então se ofereceu para me jogar escada abaixo.

Mais tarde descobri que dificilmente alguém de *Cornerville* teria entrado no *Regal Hotel*. Se meus esforços ali fossem coroados de sucesso, teriam sem dúvida conduzido a algum lugar, mas certamente não a *Cornerville*”.⁹ (WHYTE, 2005, p.292)

O contato com o outro permite uma concepção mais aberta da outra cultura. O movimento de retorno à posição inicial, por meio da empatia, possibilita a compreensão a partir de categorias de valores distintas.

Para Bakhtin, o deslocamento pelo qual o indivíduo concebe os outros valores da cultura alheia deve efetivar-se sob o processo de empatia. Ou seja, de ver o outro a partir dos valores do outro, percebendo coisas que só poderão ser vistas a partir do excedente de visão.

[...] para depois retornar (através da contemplação) à posição inicial, que possibilita elaborar o seu acabamento e o do outro. Quando Bakhtin se refere a esta perspectiva exotópica na vida, ressalta que a riqueza da exotopia não está na duplicação do semelhante, porém no fato de que este *outro* vive (e continua vivendo) numa categoria de valores diferentes (JANZEN, 2005, p.61).

Ao contrário do acabamento dado à questão literária, entende-se que, na vida, o acabamento é sempre inconcluso. Se nos deslocamos para a cultura alheia “e não retornamos para a elaboração de uma síntese, poderemos estar apenas reproduzindo uma duplicação desta cultura”. (JANZEN, 2005, p.64) Neste caso, o acabamento não exige aceitar o outro, mas entender que esse outro vive em outra categoria de valores distintos.

Considerações finais

⁹ Grifo nosso.

O deslocamento, que identificamos nos fragmentos da obra “Sociedade de esquina”, estabelece os mesmos princípios de aproximação em outros contextos de encontros culturais. Para que um pesquisador entenda a realidade cultural do local de sua pesquisa, é preciso condicionar os movimentos de aproximação e distanciamento. Percebemos que a transposição para a outra cultura pode revelar elementos que só poderiam ser compreendidos a partir de um diálogo intercultural.

Assim, consideramos o deslocamento cultural do pesquisador como um processo importante, uma vez que uma aproximação aos eventos que ocorrem no contato com a outra cultura pode conduzir a determinadas concepções que automaticamente refletirão nos resultados e nos dados da pesquisa.

A aproximação e o distanciamento do outro permitem a realização do acabamento que elimina a visão estereotipada, homogeneizante e duplicadora, comum no primeiro contato com a cultura estudada. O deslocamento favorece a reflexão e elimina uma visão projetada e fechada sobre uma determinada cultura.

A passagem pelas três categorias de deslocamento cultural nos mostra que o pesquisador deve ir muito além das descrições e dos relatos de uma dada cultura. É preciso que ele se coloque na posição de observador e que reflita os contrastes culturais a partir de um movimento de exotopia e alteridade cultural.

Recebido em: 07/04/2014

Aceito em: 12/06/2014

dama.storck@gmail.com

henrijan@uol.com.br

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

DA MATTA, R. *O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues*. In: Boletim do Museu Nacional. n. 27, Rio de Janeiro, 1978.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

JANZEN, H. Concepção bakhtiniana de literatura e a análise de personagens nos livros didáticos de LEM. In: *Revista Bakhtiniana*, vol. 7 (1), p. 107-124. São Paulo: Puc, 2012.

JANZEN, H. *O Ateneu e Jakob von Gunten: um diálogo intercultural possível*. São Paulo: 2005. Tese de Doutorado.

LARAIA, R. *Cultura: um conceito antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

STORCK, D. *Autoria, autonomia e algumas intervenções: uma análise intercultural do livro didático Keep in mind a partir das concepções bakhtinianas de linguagem*. Curitiba: 2011. Dissertação de Mestrado.

STORCK, D. & JANZEN, H. *Autoria, intervenções e deslocamento cultural: uma análise intercultural*. In: Educação & Realidade, v. 38, (1), p. 321-339. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

WHYTHE, W. F. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.